

Sintaxe Gerativa



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL
CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO
PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Aquiles Tescari Neto

Sintaxe Gerativa

UMA INTRODUÇÃO À
CARTOGRAFIA SINTÁTICA

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMAS DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: MARIA LÚCIA NERY DUTRA DE CASTRO – CRB-8ª 1724

T281s Tescari Neto, Aquiles.
Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática / Aquiles Tescari Neto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

1. Língua portuguesa – Sintaxe. 2. Tipologia (Linguística) 3. Língua portuguesa – Advérbio. 4. Hierarquia (Linguística) I. Título.

CDD – 469.83
– 411
– 469.576
– 410

ISBN 978-65-86253-99-3

Copyright © Aquiles Tescari Neto
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Sumário

PREFÁCIO.....	7
APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 – CARTOGRAFIA SINTÁTICA: UMA INTRODUÇÃO.....	23
1. Introdução.....	23
2. Cartografia (sentido amplo e sentido estrito): breves notas históricas	30
3. Bases epistemológicas da Cartografia Sintática.....	31
4. A universalidade das categorias funcionais	35
5. Recapitulando	37
6. Cenas do próximo capítulo.....	38
Para saber mais	39
Agora é com você.....	40
CAPÍTULO 2 – CLASSES, CATEGORIAS E HIERARQUIAS: O PRINCÍPIO DO “ONE FEATURE, ONE HEAD” NA METODOLOGIA DA CARTOGRAFIA	45
1. Introdução.....	45
2. Dos critérios utilizados para o reconhecimento das categorias gramaticais: o caso dos modificadores	50
3. Dos critérios utilizados para o reconhecimento das categorias gramaticais: o caso dos núcleos funcionais.....	55
4. Ampliando o “critério”: o teste da ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria.....	58
5. Recapitulando	64
6. Cenas do próximo capítulo.....	66
Para saber mais	66
Agora é com você.....	67
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA CARTOGRÁFICA: DESENHO DE MAPAS E DIAGNOSE DA POSIÇÃO DE CONSTITUINTES SINTÁTICOS	71
1. Introdução.....	71

2. A cisão de projeções: evidência para as hierarquias.....	73
3. Os testes de “precedência-e-transitividade”.....	75
4. Do “eixo prático”: as hierarquias enquanto diagnósticos para a posição de constituintes sentenciais.....	87
5. Recapitulando.....	94
6. Cenas do próximo capítulo.....	95
Para saber mais.....	95
Agora é com você.....	97
CAPÍTULO 4 – DERIVANDO SENTENÇAS EM CARTOGRAFIA:	
PARTE I.....	103
1. Introdução.....	103
2. Sobre a alocação dos advérbios em Spec.....	107
3. Derivando, por movimento nuclear, a subida do participio passado ativo.....	118
4. Derivando ocorrências tão somente através de movimentos sintagmáticos.....	127
4.1 A assimetria direita-esquerda das línguas naturais.....	129
4.2 Derivando, <i>à la Cinque</i> (2005), o Universal 20 de Greenberg.....	132
4.3 A projeção estendida do N: hierarquias e parâmetros de ordenação.....	139
4.4 A projeção estendida do V: hierarquias e parâmetros de ordenação.....	146
5. Recapitulando.....	154
6. Cenas do próximo capítulo.....	155
Para saber mais.....	155
Agora é com você.....	157
CAPÍTULO 5 – DERIVANDO SENTENÇAS EM CARTOGRAFIA:	
PARTE II.....	163
1. Introdução.....	163
2. Derivando sentenças do PB a partir de movimentos sintagmáticos.....	166
3. Derivando ordens em uma língua nativa brasileira, o Tenetehára.....	182
4. Recapitulando.....	191
Para saber mais.....	191
Agora é com você.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	201

Prefácio

À primeira vista, a sentença parece ter a forma geral: [... C ... [... T ... [... V ...]]], onde V é o núcleo verbal da configuração na qual *papéis semânticos são atribuídos*, T é o *lócus da estrutura de tempo e evento*, e C (*complementizador*) é um tipo de indicador de força que distingue *declarativa, interrogativa, etc.* Mas as investigações cartográficas têm deixado bem claro de que se trata apenas de uma primeira aproximação: as posições indicadas por . . . têm uma estrutura rica.

(Chomsky, 2002, p. 123; tradução livre)

O interesse pelos estudos na Sintaxe Cartográfica vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil. A Sintaxe Formal concebe a estrutura sintática como um objeto complexo, com expressões hierarquicamente estruturadas. O Programa Cartográfico, desenvolvido no âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, ocupa-se da análise precisa e minuciosa da estrutura sintática e de outros domínios estendidos, como, por exemplo, a projeção estendida do nome, do adjetivo, entre outros. Como o próprio nome remete, o objetivo é desenhar mapas precisos e detalhados das sentenças; a análise minuciosa das configurações sintáticas é colocada no “centro do palco” (Cinque & Rizzi, 2010).

A capacidade heurística da Cartografia (e do léxico funcional) reforça questões empíricas importantes para a teoria sintática (Rizzi, 2018). Nos últimos anos, a Sintaxe Cartográfica vem produzindo novos trabalhos (teóricos e descritivos), descobrindo novas generalizações e levantando novas questões de pesquisa. A Cartografia contribui fortemente para o enriquecimento da base empírica da pesquisa teórica, sendo de vital importância para a sobrevivência da Sintaxe Formal. Segundo Rizzi (2020, p. 6), “na ausência desse enriquecimento e de troca com a dimensão

empírica, o trabalho teórico corre o risco de se tornar estéril, e não despertar interesse suficiente na comunidade científica” (tradução livre).

O livro *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*, escrito pelo meu colega Aquiles Tescari Neto, professor do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), um dos pesquisadores mais expressivos da Cartografia no Brasil, apresenta de forma clara e organizada os ingredientes metodológicos que fundamentam a análise cartográfica. O autor mostra o passo a passo de uma derivação inserida nesta abordagem teórico-metodológica, oferecendo aos alunos de graduação e de pós-graduação um material de estudo enriquecedor.

Fica nítida a preocupação do autor com quem está iniciando uma investigação no campo da Sintaxe Formal, especificamente no âmbito da Cartografia. Todos os capítulos têm um fio condutor que permite ao leitor acompanhar a construção do objeto sintático em análise. Destaque para a seção chamada “Agora é com você”, com exercícios e questões, que aparece no fim de cada capítulo, na qual o leitor é convidado a refletir sobre os tópicos abordados. É, sem dúvida alguma, uma seção que desperta a curiosidade. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática* trata de fenômenos do português brasileiro (PB), o que facilita aos estudantes brasileiros, além de colaborar com a disponibilização de material didático dessa natureza para o ensino superior. Tescari Neto, contudo, não se limita aos dados do PB, situando a nossa gramática diante de outras línguas.

O autor aborda a Cartografia em seu “sentido estrito” (Belletti, 2008). Como muito bem apontado no primeiro capítulo, de cunho epistemológico, a diretriz metodológica-guia da Cartografia Sintática é a máxima “One (morphosyntactic) property – one feature – one head” (“uma propriedade morfossintática, um traço, um núcleo” [Cinque & Rizzi, 2010]). Nesse capítulo, o leitor encontrará os ingredientes fundamentais do empreendimento cartográfico. As ferramentas analíticas disponibilizadas pela Cartografia permitem ao pesquisador indicar, com maior precisão, o *locus* de variação. Tescari Neto mostra que o Programa Cartográfico tem grande poder heurístico tanto na Sintaxe Comparativa quanto na Pesquisa Tipológica.

Subjacente ao Princípio do “One Feature, One Head” (“um traço, um núcleo”) (Kayne, 2005a), figuram duas premissas: (i) a de que membros de uma mesma categoria ou classe não podem coocorrer, e (ii) a de que a coocorrência de membros de categorias distintas só é possível em uma única ordem (Cinque, 1999). Uma discussão detalhada a respeito do conceito de “Categoria Gramatical”, tanto em Linguística Teórica quanto em Cartografia, é apresentada por Tescari Neto no segundo capítulo. Após definir com muita precisão o que é “categoria” para a Cartografia, o autor se debruça, no capítulo 3, sobre a metodologia cartográfica empregada na ordenação das categorias pertencentes a um mesmo domínio funcional. Nessa parte do livro, ele discute em pormenores dois dos principais expedientes metodológicos dos cartógrafos.

Ainda que o empreendimento cartográfico assuma estruturas altamente ricas, correspondendo a um léxico funcional amplo, o modo como tais itens se combinam na estrutura sintática é uniforme entre as línguas. As estruturas complexas nada mais são do que a proliferação de unidades estruturais extremamente simples. As representações derivam de mecanismos básicos, como soldagem, movimento, *agree*, no mesmo espírito das computações minimalistas, como pode ser verificado na leitura dos capítulos 4 e 5. Os núcleos complexos existentes são o resultado da operação de movimento de núcleo para núcleo, não são primitivos sintáticos. Tescari Neto mostra que a Cartografia é compatível com qualquer teoria sobre movimento sintático que leve em conta condições de localidade, no caso em questão a Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990).

Não há nenhuma vantagem empírica ou conceitual em um sistema de núcleos sintáticos que faz uso de elementos interpretativamente opacos, tais como flexão em vez de tempo ou aspecto, complementizador no lugar de foco, tópico ou marcador Q, e assim por diante (Cinque & Rizzi, 2010). A evidência morfológica visível através das línguas justifica um mapeamento transparente, dando origem a estruturas funcionais estáveis.

Nesta obra os leitores encontrarão respostas para questões epistemológicas e metodológicas do fazer cartográfico. Tescari Neto não mede esforços na definição de “categoria” em Cartografia, apresentando, ainda, uma discussão aprofundada sobre a diferença entre “classe de palavra” e “categoria”. Ao longo do livro, os leitores irão se deparar com

uma série de testes que permitem desenhar uma hierarquia ou sequência funcional. O passo a passo da derivação cartográfica de uma sentença é mais um dos pontos de destaque deste livro. Tescari Neto apresenta um material direcionado tanto a estudantes de graduação interessados em Teoria Gramatical quanto a estudantes de pós-graduação e pesquisadores sêniores interessados em ingredientes metodológicos que podem contribuir com suas pesquisas.

Sandra Quarezemin

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Apresentação

*Escrever não tem nada a ver com significar, mas sim com mapear,
fazer cartografia, até mesmo de lugares ainda por vir.*
(Deleuze & Guattari, 1980, p. 11; tradução livre)

Uma das razões que me levaram a escrever este manual foi o encorajamento de muitos dos meus estudantes que observa(ra)m a falta de manuais introdutórios sobre a Cartografia Sintática.

Não tenho dúvidas de que contamos, tanto no Brasil – onde a Cartografia tem seduzido excelentes pesquisadores e abarcado, cada vez mais, estudantes maravilhosos, fazendo-se, portanto, presente nas nossas mais importantes universidades – como no exterior, com vasta bibliografia sobre a Cartografia das Estruturas Sintáticas, um bom “diagnóstico” da relevância, em Linguística Teórica, dessa vertente da teoria de Princípios e Parâmetros. Só para citar dois exemplos, em nível nacional, de publicações voltadas (exclusivamente) à Cartografia das Estruturas Sintáticas, contamos com um livro reunindo artigos sobre a Cartografia do português brasileiro – PB (em comparação também com outras línguas), organizado por Quarezemin e Tescari Neto (2020) e publicado pela Pontes, e com um volume da revista *Linguística* – organizado por Alessandro Boechat de Medeiros e Adriana Leitão Martins (2019) –, dedicado à Cartografia e à Nanossintaxe. Para além dessas duas coletâneas, muitos são os artigos, capítulos de livros, dissertações e teses que abordam o português brasileiro – e outras línguas – sob o rigoroso escrutínio das lentes cartográficas, alguns deles referenciados ao longo do livro.

Meus estudantes e orientandos tantas vezes se queixa(va)m, não obstante essas importantes publicações, de o mercado editorial não dispor de um material “introdutório”, que pudesse reunir questões fundamentais

em Cartografia e que orientasse – sobretudo o estudante de graduação em formação – sobre questões epistemológicas e metodológicas do fazer cartográfico: o que define uma “categoria” em Linguística Geral? E em Cartografia? Qual a diferença entre “classe de palavra” e “categoria”? Que critérios podem ser utilizados para definir uma “categoria”? A que testes podemos recorrer para desenhar uma hierarquia ou sequência funcional? Qual o alcance das hierarquias enquanto instrumentos diagnósticos para movimentos (e para a posição de constituintes na hierarquia da oração e da expressão nominal)? Como derivar uma sentença a partir do ferramental cartográfico?

Essas questões – que são fundamentais na pesquisa em Sintaxe Gerativa como um todo – continuamente me têm sido colocadas por meus estimados orientandos em nossas reuniões semanais de formação no LaCaSa – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>). E é naturalmente a eles que devo todo o encorajamento necessário para a redação deste livro, cujos capítulos, à medida que eram escritos, “viravam” textos de discussão nos nossos encontros e bibliografia complementar de algumas das disciplinas (sobre Cartografia) que ofereci em nosso Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – como foi o caso de LL218 – Tópicos em Teoria Sintática, nos anos de 2017, 2018 e no verão de 2021.

Aos meus orientandos, pois, agradeço imensamente o encorajamento, a leitura dos capítulos, as críticas, as sugestões e, sobretudo, a parceria. Muitos dos leitores lerão o trabalho de meus orientandos pela primeira vez por aqui. E espero estar fazendo uma boa propaganda desse trabalho! Que sejam lidos na íntegra! E citados! Façamos circular as boas ideias desenvolvidas pela academia brasileira! Meus estudantes, inclusive, verão muitas de suas perguntas e inquietações ganhando forma ao longo das seções e dos parágrafos dos cinco capítulos, da Introdução e das Considerações finais do livro.

Não posso deixar de agradecer, pelo encorajamento recebido, a Damaris Matias Silveira, que defendeu seu doutorado em 2020, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – orientada pela ilustre amiga Sandra Quarezemin, cujos trabalhos são citados muitas vezes neste livro, em virtude de toda

a sua contribuição (e, naturalmente, da contribuição de seus orientandos do Núcleo de Estudos Gramaticais da UFSC) à Cartografia Sintática. Damaris me pediu, em 2019, referências bibliográficas para uma questão bastante pontual de sua pesquisa de doutorado. Eu tinha acabado de escrever o capítulo que aqui se apresenta como capítulo 3 e o tinha, inclusive, utilizado em uma disciplina oferecida no IEL, em conjunto com o professor Carlos Felipe Pinto (também ele um pesquisador e divulgador das ideias da Cartografia), de modo que o conteúdo desenvolvido naquele capítulo (que tratava especificamente da metodologia em Cartografia Sintática) estava bastante fresco em minha memória. Disse para Dami que lhe enviaria o capítulo, que se tratava, na verdade, de um “projeto de livro”, e que poderia ser-lhe útil para algumas de suas questões. Agradeço a Damaris por todo o *feedback* e o encorajamento dados ao meu texto. *Foram as suas reações muito positivas àquele meu capítulo que* – e vejam que aqui utilizei uma clivada canônica, com concordância e tudo, convencido que fui, por Silveira (2020), de que a cópula nessas estruturas não está ainda gramaticalizada – *me deram ânimo para, na quarentena de 2020, levar a cabo o projeto deste livro.*

Bruno Ferreira de Lima, com sua voraz vontade de aprender – sem com isso jamais perder seu ceticismo sempre bem medido –, e João Francisco Bergamini-Perez, com sua ponderada “cabeça de Exatas”, verão seus questionamentos, provocações, dúvidas e *contribuições* ganharem forma ao longo dos capítulos. Gilcélia Menezes, que nos acompanha no LaCaSa desde o início de seu doutorado – na qualidade de orientanda de “qualificação fora de área” –, verá muitas de suas inquietações ganharem forma, sobretudo nos capítulos 4 e 5.

Muitos dos pontos aqui abordados foram desenvolvidos em minicursos introdutórios que ofereci na UFSC, a convite das colegas Sandra Quarezemin e Nubia Rech, e na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), de Brumado, a convite da colega Vivian Meira. Foram também objeto de conferências no I Encontro sobre Sintaxe Cartográfica (Sincar), realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, agosto de 2017), e no II Seminário de Estudos Gramaticais (SEG), na UFSC (setembro de 2017). Agradeço às audiências desses eventos pelos debates e questionamentos. Agradeço também o generoso convite da professora Zenaide Carneiro, que encomendou

uma *aulive* para seus orientandos do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS) e estudantes de seu Programa de Pós-Graduação na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).¹ O pedido de Zenaide foi uma palestra que abordasse as bases epistemológicas do Programa Minimalista. Entendi que o melhor jeito de fazê-lo seria apresentando as bases da Cartografia, abordagem que tem sido harmoniosamente desenvolvida em paralelo com o Minimalismo. Às audiências dessas apresentações, o meu muito obrigado.

Agradeço as contribuições que recebi de vários colegas e estudantes que leram versões preliminares do texto deste livro, especialmente da turma de LL218 (1º semestre de 2021), disciplina oferecida no verão, via *Zoom!* Agradecimento especial à amiga e colega Sandra Quarezemin, já mencionada acima, uma das líderes da Cartografia no Brasil, pela honra concedida com o prefácio a este livro! Agradeço também a Juliana Nespoli pela colaboração com a leitura de trechos do capítulo 4.

Uma última palavra, bastante importante, sobre o compromisso social embutido, digamos, na elaboração deste manual: estudei, desde a graduação, sempre com bolsas de pesquisa de nossas agências de fomento. Meu doutorado – feito num dos berços da Cartografia, na Itália, na Università Ca’Foscari di Venezia, com o grande Guglielmo Cinque, um dos fundadores desse programa – foi, durante os quatro anos em que estudei na Itália, financeiramente custeado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) brasileiro (processo 200762/2008-7), instituição à qual devo expressar toda a minha gratidão pela oportunidade. Espero, com esta publicação, encorajar muitos estudantes a enveredar pelas trilhas da Cartografia. O livro é o modo que encontro de agradecer o investimento do nosso CNPq à pesquisa em Humanidades e também uma forma de pôr em prática um dos objetivos do projeto de pesquisa que enviei, em 28 de fevereiro de 2008, ao CA de Letras e Linguística do CNPq, solicitando a bolsa de doutorado pleno no exterior com a qual fui agraciado para realizar os meus estudos em Veneza.

Este livro se destina, sobretudo, a estudantes de cursos introdutórios, inclusive de graduação. O capítulo 1 é útil em disciplinas de introdução à epistemologia da Linguística, já por tratar da epistemologia de uma vertente da Gramática Gerativa: a Cartografia Sintática. O capítulo 2, por

desvelar o conceito de “categoria” (apresentando, para isso, diagnósticos precisos para a identificação de categoria em Linguística Geral), é essencial a todo interessado em Tipologia Linguística não só aos estudantes de Sintaxe Gerativa. O capítulo 3, por se tratar sobretudo da metodologia da Cartografia, é útil ao estudante de Gramática Gerativa, inclusive o de cursos introdutórios de graduação. O estudante poderá se valer de hierarquias cartográficas como “relógios” ou “mapas” a determinarem o momento em que determinado item lexical deve entrar numa derivação sintática. Os capítulos 4 e 5 introduzem os leitores às derivações sintáticas no espírito da Cartografia, sem deixar, contudo, de discutir questões importantes à Tipologia Linguística e, por isso mesmo, à Linguística Geral.

Meus dois anjinhos serão agradecidos, em alguns exemplos do livro, por toda a felicidade que me trazem: o Ettore (Ettinho, Ettico ou simplesmente “Gandão”) e o Luigi (o Gigi/Gigico ou, carinhosamente, o “Pequeninho”). Esses anjinhos de quatro patas tanta alegria me proporcionam que promovê-los às posições mais altas da hierarquia de muitos dos exemplos deste livro é o mínimo que posso fazer para deixar registrado todo o carinho que tenho por eles.

Seja o material um bom instrumento, sobretudo metodológico, a tantos estudantes de graduação e de pós, por esse Brasilão afora! E que seja de fato feito, com a Cartografia, um “mapeamento de lugares ainda por”... descobrir!

Campinas (SP), na longuíssima “quarentena” de 2020.

Nota

- 1 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pDLJShHZUIk&t=33s>>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

Introdução

*Eles eram mapas que viviam, mapas que se podiam estudar,
desaprovar e acrescentar; mapas que, em suma, realmente significavam
alguma coisa.*

(Gerald Durrell, *My Family and Other Animals*; tradução livre)

Como mencionei na apresentação, este livro foi inicialmente pensado para os estudantes interessados em Cartografia Sintática. A experiência acumulada nesses cinco anos de trabalho na Unicamp, junto a estudantes de graduação e pós-graduação envolvidos nas atividades do LaCaSa – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino, grupo do CNPq por mim coordenado –, muitos deles ainda sendo introduzidos à epistemologia e à metodologia da Gramática Gerativa, em geral, e da Cartografia Sintática, em particular, colocou-se como um convite para mim à elaboração deste material, que levou pelo menos dois anos para ser desenvolvido.

Desde 2018, temos mantido ininterruptamente, no LaCaSa – e naturalmente por *GoogleMeet/Zoom* nos tempos de suspensão presencial das atividades, imposta no contexto da Covid-19 (2020) –, as nossas “reuniões semanais de formação”. Inicialmente, líamos textos dos teóricos da Cartografia Sintática – textos esses que serão aqui citados –, textos de críticos à Cartografia, teses de pós-graduação sobre Cartografia e muitos dos capítulos da série da Oxford University Press, reunidos sob o subtítulo *The Cartography of Syntactic Structures*.

Alguns dos estudantes, contudo, muitas vezes acabavam por externalizar, no grupo, suas dificuldades em relação a termos técnicos, a assunções teóricas da Cartografia e a tantas outras especificidades teóricas do programa – o que faz parte, naturalmente, do percurso dos que estão em formação –, o que me trazia à memória as dificuldades que

eu mesmo havia experimentado em meu próprio percurso formativo enquanto estudante na graduação em Letras (na Unesp de São José do Rio Preto – 2002/2005), do programa de mestrado em Linguística (na Unicamp – 2006-2008) e do programa de *Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio* (na Università Ca’Foscari di Venezia, Itália – 2009-2013).

Espero, então, que os leitores deste livro encontrem nestas páginas um passo a passo metodológico e epistemológico – oxalá em certa medida didático, sem com isso deixar de ser, dentro do possível, abrangente – para a empreitada investigativa em Cartografia Sintática. Da minha experiência, então, como estudante em formação e, hoje, como formador (junto aos meus orientandos e parceiros de pesquisa no LaCaSa e junto aos estudantes do IEL), acredito que este livro venha a cobrir uma lacuna importante do nosso mercado editorial, indo ao encontro da expectativa dos futuros leitores e dos futuros críticos (assim espero!).

O livro foi então pensado para o amplíssimo (e felizmente heterogêneo) público de leitores da Editora da Unicamp. Assim, os interessados em filosofia da Linguística encontrarão, sobretudo no capítulo 1, as bases epistemológicas da Cartografia, que são os fundamentos da Gramática Gerativa como um todo, donde decorre o título do livro, acrescidos, é natural, da premissa – consensual entre nós, cartógrafos – de que as categorias gramaticais estejam já codificadas no estado inicial da Faculdade da Linguagem, a Gramática Universal. Os graduandos em Letras e Linguística, interessados em Tipologia (em Teoria Gramatical) e seus métodos – e, nesse sentido, admitam os críticos, a Cartografia Sintática tem muito a contribuir –, encontrarão nos capítulos 2 e 3 as bases metodológicas fundamentais da investigação em Cartografia tanto no que diz respeito aos mecanismos de “descoberta” (ou, mais propriamente, de “identificação”) das categorias quanto no que concerne aos mecanismos que determinam sua distribuição e sua ordenação em (termos de) hierarquias subjacentes. Estudantes de Gramática Gerativa – desde os que cursam disciplinas de tópicos, em nível de graduação, ou que desenvolvem projetos de Iniciação Científica, aos que realizam pesquisas em nível de pós-graduação – encontrarão nos capítulos 4 e 5 alguns dos principais ingredientes metodológicos para as escolhas que poderão fazer ao derivar não só sentenças (do PB e, inclusive, de línguas de núcleo final – cf. capítulo 5, seção 3, por exemplo) como também ocorrências

envolvendo constituintes da projeção estendida do nome (ou “expressão nominal”). Pesquisadores sêniores encontrarão, no livro todo, assim espero, um resumo – naturalmente atravessado pelas lentes dos meus óculos, apaixonadas que são pela Cartografia “italiana” – do que, creio, em matéria epistemológica e metodológica, a Cartografia lhes possa vir a auxiliar em suas lides diárias com a gramática das línguas e a epistemologia e a metodologia da Teoria Gramatical, em geral, e da Gramática Gerativa em sua vertente cartográfica, em particular.

A primeira pergunta do leitor que, ao passar pelo estande da Editora da Unicamp em um evento da área de Letras e Linguística (ou mesmo ao ver este volume na estante de uma livraria), nos prestigia com a aquisição de um exemplar – ao que lhe somos imensamente gratos pelo apoio –, certamente diz respeito ao porquê do “Cartografia” no título do livro. Não estamos aqui falando de Cartografia no sentido geográfico, pelo menos não no sentido da Geografia como disciplina ao lado da História, da Física, da Química etc. Obviamente que alguma conexão com a Cartografia da Geografia lá vai ter; afinal, o que motivou os estudiosos da Cartografia Sintática desde seu início foi o desejo de desenhar – como os cartógrafos da Geografia – mapas completos e detalhados, mas dessa vez das configurações sintáticas das línguas naturais (Cinque & Rizzi, 2010).

A Sintaxe Cartográfica, portanto, é uma vertente da Gramática Gerativa preocupada em oferecer representações bastante pormenorizadas da estrutura da oração (quais verdadeiros “mapas”) em termos de suas categorias fundamentais. Em certo sentido, poderíamos, então, falar – conforme argumentarei no capítulo 1, ao citar alguns autores da Cartografia –, em uma Cartografia em sentido “amplo”. Assim, Guglielmo Cinque – um dos fundadores do programa –, em entrevista a Mao e Meng (2016), explica que a empreitada cartográfica teria começado com o próprio Chomsky, ao descrever a ordenação das categorias do *perfect*, do *progressive* e de *Voice*, em termos de regras de reescrita (cf. Chomsky, 1957). Serão cartográficas nesse sentido, pois, as investigações, em Teoria Gramatical que se voltam, de certa forma, a descrever e explicitar os átomos da estrutura da oração e de seus sintagmas.

Obviamente que o fio motivador da produção deste livro não é uma Cartografia em “sentido amplo”, uma vez que uma série de publicações sobre a Gramática Gerativa já vai ao encontro disso. O livro abordará,

portanto, especificamente a vertente (inicialmente italiana) da teoria de Princípios e Parâmetros – desenvolvida em paralelo, nos anos 1990, com o Programa Minimalista –, vertente essa à que me referirei, no capítulo 1, como “Cartografia em sentido estrito”. O capítulo 1, portanto, é mais de cunho epistemológico.

Uma vez que a Cartografia das Estruturas Sintáticas tem por objetivo, como já descrevi acima, oferecer mapas completos e abrangentes da estrutura sintática das línguas, faz-se necessário oferecer os ferramentais essenciais para um desenho o mais preciso possível de tais mapas. Assim, o capítulo 2 discute o conceito de “Categoria Gramatical” em Linguística Teórica, em geral, e em Cartografia, em particular. O percurso utilizado nesse capítulo para definir tal conceito, bem como para identificar as categorias que, segundo a Cartografia, estariam na base de nosso conhecimento gramatical inato (Cinque, 2013a), será o mesmo empregado em muitas teorias gramaticais em termos de “distribuição complementar”. Assim como em Física “dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo” – é a “impenetrabilidade” teorizada por John Toland –, em Teoria Gramatical dois elementos de mesma categoria não podem coocorrer numa mesma sentença. Independentemente dos tantos *-ismos* dos mais diversos paradigmas teóricos, esse princípio parece unificar teorias gramaticais distintas quando falamos em propriedades universais observáveis em sistemas gramaticais diversos. Vamos mostrar, no capítulo 2, que o critério da coocorrência, válido tanto no domínio de modificadores (caso dos adjetivos e dos advérbios) como no domínio de núcleos funcionais (ou *grams*, para utilizar aqui o termo de Bybee *et al.* (1994)), sintetiza muito bem a diretriz metodológica-guia da Cartografia Sintática, que Richard Kayne “cantou” ao propor o Princípio do “One Feature, One Head” (Kayne, 2005a). Uma aplicação, digamos, mais “derivacional” desse princípio pode se converter em importante recurso diagnóstico, a nós gerativistas, se buscamos determinar as categorias ou os traços envolvidos na derivação de determinada ocorrência. Veremos tudo isso no capítulo 2.

Uma discussão sobre a metodologia cartográfica utilizada para a ordenação das categorias que fazem parte de um mesmo domínio funcional (ou projeção estendida) é o objetivo principal da discussão do capítulo 3. Apresentarei dois eixos metodológicos principais que têm